



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

1 Deputado Municipal do BE - Carlos José da Silva Martins;-----

1 Deputado Municipal do CDS - António José Mendes Pinto Farrajota;-----

Também estiveram presentes, o Presidente da Câmara, Vítor Aleixo e os Vereadores, Pedro Pimpão, Heloísa Madeira, Abílio Sousa, Ana Machado, Carlos Carmo, Marilyn Zacarias, Horácio Piedade e Irina Martins (em substituição de José Graça).-----

Apresentaram pedido de suspensão de mandato: -----

Os Deputados Municipais do PS, Joaquim Manuel dos Santos Vairinhos, foi substituído respetivamente por Manuel Vitorino Correia Inácio, Vitor Cristiano da Piedade Ferreira, foi substituído respetivamente por Márcio Alexandre Bandeira Fernandes, Maria Esteves Ferreira Lourenço, foi substituída respetivamente por Maria da Conceição Leite Esteves Duarte.-----

O Deputado António Francisco Ferreira Martins (Presidente da Junta de Freguesia de Alte), comunicou impedimento em estar presente, não tendo designado o seu substituto legal.-----

O Deputado Municipal do PSD, Sebastião Francisco Seruca Emídio, não se fez representar.-----

O Deputado Deodato Martins João (Presidente da Junta de Freguesia de Salir), comunicou impedimento em estar presente designando como seu substituto legal, ao abrigo do art.º 30.º, n.º3 do Regimento da Assembleia Municipal de Loulé, Francisco André Pereira Rodrigues.-----

O Deputado Municipal Independente, Fernando Domingos dos Santos, não se pode fazer representar por razões de ordem legal.-----

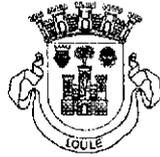
A organização da Sessão teve a seguinte sequência:

Organização da Sessão:

1-Introdução pelo Presidente da Assembleia Municipal

2- Intervenção da Personalidade convidada:

- Professor Doutor António Branco (Antigo Reitor da Universidade do Algarve)



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

3- *Atuação do Grupo Musical Vox Cordis*

4-Intervenções dos Representantes dos Grupos Municipais

- CDS-Partido Popular (CDS)
- Bloco de Esquerda (BE)
- Partido Social Democrata (PSD)
- Partido Socialista (PS)

5- *Atuação do Grupo Musical Vox Cordis*

6- Intervenção do Presidente da Câmara Municipal

7- *Atuação do Grupo Musical Vox Cordis*

8- Encerramento pelo Presidente da Assembleia Municipal

O Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Adriano Pimpão, abriu a sessão saudando os presentes, referindo-se ao programa da Sessão Comemorativa dos 45 Anos do 25 de Abril; -----

Finalizado o seu discurso o senhor Presidente da Assembleia Municipal, cedeu a palavra à personalidade convidada, Professor Doutor António Branco (antigo Reitor da Universidade do Algarve), para fazer o seu discurso.-----

Em seguida, o senhor Presidente da Assembleia Municipal, convidou todos os presentes, a cantarem a canção "Grândola Vila Morena", de Zeca Afonso, que foi interpretada pelo Grupo Musical Vox Cordis.-----

Posteriormente, usaram da palavra, os representantes dos Grupos Municipais como se segue:-----

- Representante do Grupo Municipal do CDS-Partido Popular (CDS), Senhor Deputado António José Mendes Pinto Farrajota;-----

- Representante do Grupo Municipal do Bloco de Esquerda (BE), Senhor Deputado Carlos José da Silva Martins;-----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

- Representante do Grupo Municipal do Partido Social Democrata (PSD), Senhor Deputado **Mário Baião Botelho da Silva**;

- Representante do Grupo Municipal do Partido Socialista (PS), Senhora Deputada **Joana Guerreiro da Conceição**;

Seguidamente o Grupo Musical, **Vox Cordis**, interpretou o tema "Melhor de Mim" de Marisa.

Seguiu-se o discurso do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Loulé, **Vitor Aleixo**;

Após a audição do Hino Nacional, interpretado pelo Grupo Musical **Vox Cordis**, e cantado por todos os presentes, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, **Adriano Pimpão**, deu por encerrada a sessão, pelas doze horas e trinta e cinco minutos;

O teor das intervenções são transcritas em anexo a esta Ata, dela fazendo parte integrante.

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA

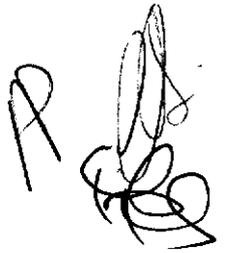
A 1.ª SECRETÁRIA

A 2.ª SECRETÁRIA

Adriano Pimpão

[Handwritten signatures]

SESSÃO SOLENE 25 DE ABRIL DE 2019



Em nome da Assembleia Municipal sejam bem-vindos a esta Casa da Democracia, que é do Município de Loulé, mas aberta ao Mundo.

Bem-vindos à festa da liberdade, no respeito pela diversidade e no empenho na luta pelo bem comum.

Bem-vindos para reviver e viver o 25 de Abril, agora e sempre.

Cumprimento todos os cidadãos aqui presentes e os que pela via sem fios nos seguem nas suas casas.

Saúdo de forma especial as Sras. Deputadas e os Srs. Deputados, incluindo as Sras. e os Srs. Presidentes de Junta, que aqui representam as aspirações da sociedade que vive e trabalha neste Município.

Saúdo o Sr. Presidente da Câmara e as Sras. Vereadoras e os Srs. Vereadores.

Saúdo o nosso convidado especial, o Professor António Branco, que aceitou partilhar connosco as virtudes e as responsabilidades da palavra como sinal e como compromisso. Muito obrigado por estar entre nós.

Saúdo as autoridades presentes, que nas suas diversas funções, asseguram o serviço público às populações e velam pelo cumprimento da legalidade e da estabilidade institucional.

Saúdo as demais instituições civis e religiosas e todos aqueles que se dedicam ao trabalho de minorar as carências sociais, o sofrimento e os ataques à dignidade humana.

Saúdo os nossos amigos do Grupo Musical Vox Cordis, agradecendo a sua disponibilidade e generosidade para dar mais vida e beleza a esta sessão.

Agradeço às funcionárias e aos funcionários do Município o trabalho empenhado para tornar possível esta sessão comemorativa.

Minhas Senhoras e meus Senhores

A Assembleia Municipal é desde 2014 a sede, no Município, da Sessão Solene comemorativa do 25 de Abril, por proposta do então Presidente das Comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, o Dr. Carlos Albino, participante activo na criação das condições propícias para o desencadear da Revolução, na madrugada de 25 de Abril de 1974, e que aqui saúdo, de forma fraterna e reconhecida.

Neste ano de 2019, data dos 45 anos da Revolução de Abril, a Assembleia Municipal propõe-se dar relevo à palavra, como arma da Democracia.

Em democracia a força é a da razão, de resposta aos problemas das pessoas, à criação de condições que favoreçam a felicidade e o progresso dos cidadãos, como seres dignos e autónomos.

É a palavra que nos permite comunicar, comprometer e dar esperança.

Mas a palavra, que ao longo da História assumia, em situações específicas, pela sua responsabilidade a designação de “palavra de honra” tem de ser eficaz. Em política, a eficácia chama-se cumprir os compromissos e resolver os problemas das pessoas, sem delongas ou desculpas vãs.

E como dizia o nosso convidado Professor António Branco, na sua comunicação em 2014, no âmbito das Conferências Horizontes do Futuro, e cito “O uso contínuo e mecanizado de algumas expressões fundamentais retirou-lhes força, ou seja, subtraiu-lhes a sua capacidade efectiva de significação”.

Ou como também dizia Sophia de Mello Breyner, citando um provérbio índio: “Uma palavra que está sempre na boca, transforma-se em baba”.

Viva o 25 de Abril e todos os que tornaram possível a Revolução!

Viva a democracia traduzida em felicidade e esperança num futuro melhor!

Muito obrigado!

Adriano Pimpão, Presidente da Assembleia Municipal de Loulé

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Prof. Adriano Pimpão
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Vítor Aleixo
Exmas. Senhoras Deputadas, Exmos. Senhores Deputados da Assembleia Municipal
Exmas. Senhoras Vereadoras, Exmos. Senhores Vereadores
Minhas senhoras e meus senhores

Agradeço a todos os grupos partidários da Assembleia Municipal o convite, que tanto me honrou, para intervir nesta sessão solene de celebração do 25 de abril. Trata-se de uma data muito importante para todos nós, por ter sido o dia em que voltámos a poder aspirar a viver num país alicerçado nos valores da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade. Disso fala a canção de Zeca Afonso, «Grândola, Vila Morena», em boa hora escolhida pelo Movimento das Forças Armadas como senha para o arranque definitivo das operações militares que conduziriam à libertação de um país subjugado pela ditadura salazarista. Inspirado nela, pergunto desde já, interpelado por essas palavras tão exigentes, tão fortes e tão belas: somos hoje mais livres, somos hoje mais iguais, vivemos hoje num país mais fraterno? E respondo sem hesitação: em comparação com a situação que existia até ao 24 de abril de 1974, sim, somos mais livres e mais iguais e o país é mais fraterno – mas não tanto quanto nos permitimos sonhar. Não sei sequer se o coletivo que somos continua a caminhar determinadamente em direção à Utopia desenhada por esse tripé da Democracia que decidi convocar na abertura desta intervenção. Todavia, aparentemente não foi este o assunto que me propuseram para esta sessão. Sugeriu-me o Prof. Adriano Pimpão, em nome da Assembleia Municipal, que desenvolvesse o seguinte tema: «A palavra como arma da democracia». Tentarei, por isso, dar corpo à tarefa de que fui incumbido e que aceitei com entusiasmo e sentido de responsabilidade.

Quando o Prof. Pimpão mencionou o tema, ecoaram em mim o título de uma canção de José Mário Branco e uma afirmação de Wittgenstein. Quanto à canção, creio que todos os presentes sabem do que falo: trata-se de «A cantiga é uma arma». A frase do filósofo da linguagem diz mais ou menos assim: «Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.» Pareceram-me dois bons motivos para esta intervenção, mesmo que isso implique, como implicará, apropriar-me de ambos para desenvolver as ideias que gostaria de vos apresentar. Começarei pelo segundo.

A frase de Wittgenstein, que uso há muitos anos nas aulas, interessa-me não tanto pelo significado específico que o autor lhe atribui nas suas teses filosóficas, mas porque, retirada desse contexto, exprime autonomamente a ideia muito forte da existência de uma relação intrínseca entre a linguagem que possuímos e a extensão do nosso mundo. Imaginemos, por exemplo, que me seria possível traçar um círculo envolvendo o conjunto das palavras que uso nos vários contextos da minha vida: segundo aquela frase, ficaria assim desenhada também a fronteira do mundo que conheço e sobre o qual sou capaz de me exprimir. Desta imagem decorre que, quanto menor é esse conjunto de recursos linguísticos, menor é o mundo disponível e que, por isso, quanto mais formos capazes de alargar o nosso vocabulário útil, mais rico será o mundo aberto à nossa frente. Sendo intrínseca, esta relação pode ser vista na perspetiva inversa: quanto mais fechado e pequeno for o mundo em que me movo, mais reduzido será o conjunto de palavras de que necessito para nele viver – e também será verdade que quanto mais o meu mundo se alargar, mais enriquecida sairá a minha capacidade de expressão através de palavras. Este esquema muito simples abre infinitas possibilidades exploratórias, todas em torno da relação que se estabelece entre a linguagem e o mundo individuais. E dela decorre um princípio que muito prezo: o processo aquisitivo da linguagem,

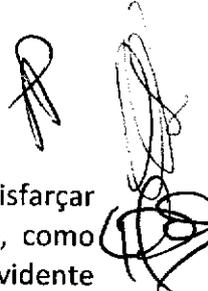


ao longo da vida, determina o grau de qualidade do mundo em que me movo, sendo ele não só o mundo que sou capaz de reconhecer e nomear mas também o mundo sobre o qual sou capaz de me exprimir e com o qual sou capaz de interagir mais ou menos livremente. Para muitos filósofos, aliás, não existe mundo para além daquele que designamos através de palavras – razão pela qual temos sempre de arranjar uma palavra nova para uma realidade nova, seja ela um objeto, um hábito, um inseto, uma bactéria, uma doença – e por aí adiante. Esta é uma das características principais das sociedades letradas, ou seja, das sociedades baseadas na escrita e na leitura: tudo, mas mesmo tudo, desde a mais simples emoção à ideia mais complexa, do mais ínfimo objeto à mais intrincada organização, tudo assenta na nossa capacidade de nomear, de comunicar, de exprimir através das palavras. Temos tanta necessidade delas que até inventámos uma para adjetivar o que é difícil de traduzir por palavras: a palavra «inefável».

Voltemos à frase inicial: «Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.» Para além dos aspetos já referidos, ela encerra outra ideia relacionada com a própria origem mítica da linguagem, a ideia segundo a qual, mesmo quando usadas profanamente num quotidiano avassalador, elas mantêm uma espécie de poder matricial, uma espécie de força mágica pronta a ser ativada sempre que alguém – ou um coletivo agindo em uníssono – convoca esse poder. Os grandes poetas fazem-no, alguns políticos também. Os poetas fazem-no para nos revelarem a íntima sacralidade das palavras, escondida debaixo dos usos informes que lhes damos no dia a dia, e assim porem em evidência a sacralidade do próprio mundo que nomeiam com elas. Esse uso particular da linguagem, a poesia, é talvez aquele que melhor exerce a extraordinária capacidade humana de alargar os limites do mundo através da linguagem. Por isso a poesia é em si mesma património, porque é sempre vestígio da antiquíssima faculdade humana de nomear e, através da nomeação, criar o que antes não existia inteiramente. Por isso a poesia é saber e nos propõe, em cada verso, uma refundação do mundo em que vivemos. Ouçamo-la, numa das suas infinitas faces:

*O velho abutre é sábio e alisa as suas penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas*

Publicou Sophia de Mello Breyner Andresen este poema em 1962 (*Livro Sexto*). Os seus contemporâneos reconheciam imediatamente na figura sinistra do «velho abutre» o ditador António de Oliveira Salazar. Poderíamos, então, ser tentados a concluir que, derrubada a ditadura no dia 25 de abril de 1974, este curto poema perdeu atualidade, servindo tão-somente enquanto documento poético de um momento especialmente doloroso da nossa História. Os grandes poetas distinguem-se dos pequenos, contudo, por não confinarem os poemas à realidade que os inspirou. Os grandes poetas legam-nos imagens e verdades universais – o que significa que as suas imagens e verdades ultrapassam as fronteiras do tempo em que foram inventadas, falando a qualquer um, em qualquer época. Sabendo isto, sei também que o velho abutre de Sophia continua vivo, *sábio e alisando as suas penas*. Basta estar atento ao mundo em que vivemos para constatar esta verdade: andam por aí muitos abutres velhos, ou seja, humanamente inférteis. O que nos diz Sophia sobre eles? Em primeiro lugar, que são «sábios e alisam as suas penas.» A palavra «sábio» tem aqui uma conotação francamente negativa, significando que são muito hábeis. A ação de «alisar as penas» também contém outro sentido profundo: parece-me metáfora de outra habilidade, a de se apumarem, para disfarçarem a sua própria decrepitude moral e ideológica. Por exemplo,



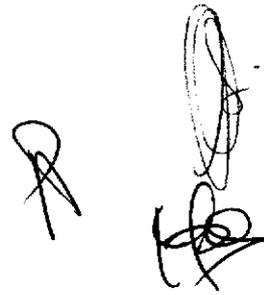
quando diretamente interpelados sobre a sua adesão à Democracia, são capazes de disfarçar o ódio que lhe têm. Diz-nos mais Sophia: «a podridão lhe agrada.» Literalmente, como sabemos, os abutres alimentam-se de cadáveres em decomposição. Torna-se assim evidente que onde não haja podridão os abutres não sobrevivem, sendo forçados a procurar fortalecimento noutras paragens. A última ideia do poema é de uma agudeza certa: «e seus discursos / Têm o dom de tornar as almas mais pequenas.» Ficamos a saber que os abutres, afinal, são muito hábeis a usar as palavras, tão hábeis que causam a diminuição das almas que os escutam. Assim, os abutres são o oposto dos poetas.

Regresso, agora, ao primeiro tema que me propus desenvolver: «Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.» O conhecimento – o convívio íntimo, se preferirem – com este poema de Sophia abre extraordinariamente a minha mundividência, na medida em que me proporciona instrumentos de análise política e ideológica especialmente acutilantes e novos. Mais poderoso que mil comentários na televisão ou mil crónicas em jornais, ele produz uma síntese poética a partir da qual qual fico mais capaz de organizar o meu pensamento político: não tenho nenhuma dificuldade em identificar os abutres já instalados na cadeira do poder por esse mundo fora, em reconhecer os aprendizes de abutres que andam por aí, também em Portugal, incansavelmente à procura dos territórios onde já se sinta o forte odor da carne em decomposição. E não posso deixar de ver nesta forte metáfora da «podridão» todas as doenças graves de que padecem as democracias ocidentais: as gritantes e crescentes desigualdades sociais, o domínio da alta finança sobre o poder político, os clubismos partidários exercidos em circuito fechado, a corrupção, as várias formas de nepotismo e os abusos de poder, a ilegibilidade de algumas decisões judiciais, a opacidade do sistema político, o uso da mentira ou da ofensa pessoal enquanto instrumento de combate político, os enormes retrocessos do Estado Social – e por aí fora. Basta-me refletir profundamente sobre o poema de Sophia para entender que é nos territórios em que a Democracia falha que medram os abutres. E o que eles fazem também se torna evidente: discursos que «têm o dom de tornar as almas mais pequenas.» De facto, a manha dos abutres é tal que são capazes de interpretar bem a vilania que vai nas nossas almas e alimentá-la, sendo que a vilania da alma é sempre a nossa maior fraqueza: o egoísmo autossatisfeito, a frustração invejosa, a cedência aos medos subjetivos, a atribuição sistemática de responsabilidade externa aos insucessos individuais ou coletivos, a ânsia de protagonismo social, o ódio ao desconhecido, o impulso destrutivo autossuficiente, o fechamento total à diferença, o empobrecimento cultural, a alienação, etc. Por isso, os abutres da atualidade perceberam melhor do que ninguém o quão fácil pode ser conquistar o poder através do exercício do voto. Se a sua arma é a palavra inteligentemente manipuladora que vai ao encontro da pequenez em que por vezes nos afundamos, o seu exército somos nós. Como cantou outro grande poeta da música, José Mário Branco, «ser anão não é coisa do corpo / é forma do espírito morto.» O espírito morto está na origem do apodrecimento da carne de que se alimentam os abutres.

No início, anunciei que a minha intervenção se apoiaria em dois motivos principais: a frase que pedi emprestada a Wittgenstein e o título de uma canção de José Mário Branco. Passo, agora, ao segundo: «a cantiga é uma arma». Apropriando-me dessa metáfora e aceitando o repto que me foi lançado por esta Assembleia Municipal, direi que «a palavra é uma arma». Recordo, ainda assim, o que diz a primeira estrofe daquela canção:

*A cantiga é uma arma
e eu não sabia*

*tudo depende da bala
e da pontaria
tudo depende da raiva
e da alegria
a cantiga é uma arma
de pontaria*



A transposição para este contexto é simples de fazer: «A palavra é uma arma / e eu não sabia / tudo depende da bala / e da pontaria» – e assim sucessivamente. O que este alerta exprime é que, em abstrato, as palavras tanto podem ser uma arma contra como a favor da Democracia, tudo dependendo do uso que delas fazemos. Dou um exemplo, para mim nítido, através da breve análise de um *slogan político* que todos conhecemos: «America great again» / «A América outra vez grande». O que a transforma num perigoso exercício político não é nada que cada uma dessas palavras significa por si, mas a bala (o seu conteúdo ideológico expandido em programa político) e a pontaria (os visados por essa mensagem). Se confiarmos na lucidez poética de Sophia, ainda mais extraordinário é o poder das palavras nesse *slogan*, sobretudo de uma delas: apontando à pequenez dos ouvintes, tal como a caracterizei anteriormente, é feita a promessa de recuperação de uma suposta grandeza perdida. A palavra «grandeza», potencialmente tão bela em si mesma, serve, aqui, enquanto álibi ideológico para mascarar a extrema pequenez do projeto político: «O abutre é sábio e alisa as suas penas.»

Para ser coerente comigo mesmo, deveria defender que a melhor defesa contra os ataques à democracia perpetrados pelas palavras dos seus inimigos seriam outras palavras, tão ou mais fortes do que aquelas. Numa democracia efetivamente baseada nos ideais do Iluminismo, seria seguramente essa a melhor solução para tão difícil problema da contemporaneidade. Acontece que o uso empobrecido, abusivo e irracional das palavras, algumas das quais fundadoras da própria Democracia, inundou o espaço público, contaminando todos os discursos: uma das mais inteligentes artimanhas dos abutres é a de poluírem o discurso político e jornalístico com as suas palavras e as suas ideias de tal modo que as nossas palavras ficam elas próprias doentes e enfraquecidas. Até são capazes de usar as nossas palavras mais belas para exprimirem coisas abjetas. E o tempo que gastamos a contestar ou a denunciar essas habilidades linguísticas é tal que causa um enorme desperdício de energia. É que, reconhecendo numa Democracia profundamente vivida a maior ameaça aos seus desígnios, os abutres nunca vêm verdadeiramente ao nosso terreno, mas preferem convocar-nos dissimuladamente para o deles – aquele onde se propaga a podridão de que se alimentam. Sempre que aceitamos combater a guerra dessa maneira, perdemos.

A escolha da palavra «guerra», que acabei de fazer, está implícita no tema que me foi sugerido: se, conforme me foi proposto, a palavra pode ser uma arma da Democracia, então isso significa estarmos a falar de contextos em que são necessárias armas para atacarmos os nossos inimigos e nos defendermos deles. Sim, trata-se de uma guerra. De um lado, estão aqueles que, apesar de reconhecerem as suas fraquezas, acreditam generosamente na Democracia enquanto veículo de construção de uma sociedade mais igual, mais fraterna, mais livre, como acontece aqui nesta reunião de celebração do 25 de abril. Do outro, aqueles que, usando a própria Democracia e os instrumentos que ela proporciona, como a liberdade de expressão, a liberdade de associação, o exercício do voto, etc., usando essas prerrogativas democráticas em seu benefício pretendem minar os alicerces da Democracia, para tal

apoiando-se nas fragilidades individuais e coletivas que, como ninguém, sabem identificar, alimentar e aproveitar.

Eu sei. A palavra «guerra» é desagradável e desconforme com o valor democrático da tolerância, próprio dos sistemas democráticos. Contudo, tem a enorme vantagem de expor, sem eufemismos, o que vejo no mundo quando penso no tema que me foi proposto. A guerra já decorre. Só falta declará-la corajosamente e agir em conformidade com isso, com palavras e com atos. A persistência nos eufemismos é instrumento de derrota certa, porque é uma forma de ajudar o abutre a alisar as penas.

Termino reiterando o meu profundo agradecimento pela honra que me deram do convite para me dirigir a vós neste dia evocativo do sonho que o 25 de abril de 1974 possibilitou. Precisamos de sonhar, fortemente armados. Precisamos de voltar a dar lugar às utopias nas nossas vidas. Precisamos de recuperar as nossas palavras, mesmo que para isso tenhamos de as reinventar.

Viva o 25 de abril!

Viva a Democracia!

António Branco

Handwritten signature and initials in the top right corner of the page. The signature is a stylized, cursive 'A' followed by a large, circular flourish. To its left are the initials 'R' and 'B'.



R

Exmos,
Senhor Presidente da Assembleia Municipal;
Senhoras e Senhores Vereadores;
Senhoras e Senhores Deputados;
Senhores Representantes das diversas Entidades Oficiais ;
Senhoras e Senhores Funcionários da Assembleia Municipal;
Senhoras e Senhores Membros da Comunicação Social;

Antes de passar a ler o que escrevi para este dia lembrar, que este dia nos une todos nós em torno do acontecimento que hoje festejamos.
A liberdade foi-nos concedida, mas a qualidade da democracia e políticas exercidas, cabe a nós políticos.

Foi sugerido que o tema para esta manifestação de regozijo fosse a palavra.

Esta será porventura a arma mais poderosa quando utilizada com respeito e elevação ao serviço da liberdade e da democracia.

O direito que fora sonogado, renasceu há 25 anos.

Utilizamo-la em politica, quer seja para criticar, quer seja para elogiar, muitas vezes de forma gratuita em ambos os casos consoante as conveniências.

Para nós a democracia só terá qualidade, quando a palavra for verdadeiramente sã, e porque não, pedagógica.

Importa ao fim deste quase meio século, questionar a qualidade e verdade da nossa democracia.

Cremos que existe muito espaço para melhorar.

É manifesta a insatisfação do nosso povo
A atividade governamental tem vindo a ser avaliada de forma negativa pela maioria dos cidadãos que consideram os principais partidos, aqueles que têm

exercido o poder, culpados. Tendem em governar de forma diferenciada do que é apregoado durante a campanha eleitoral. Fazem-no sim, em função das orientações e imposições ditadas pela U.E., por vezes de forma cega, por vezes até demonstrando alguma falta de preparação para os diversos assuntos, desde a cultura, costumes, tradições, até do próprio clima das regiões, ou ainda por imposições de interesses de agentes económicos, e de forças nada transparentes. Esta é a pura da verdade a que a todos nós diz respeito.

Se isto é ser crítico...então que seja e que tenha a força da palavra.

O papel do nosso Parlamento e os cidadãos, para ele eleitos, são secundarizados, face às orientações dos respetivos partidos, que fazem da Assembleia da Republica, um veiculo das vontades de organizações, que agem fora dela.

Assim, são os partidos políticos, e não os eleitores, que decidem a entrada e a continuação daqueles que pretendem prosseguir na politica, que se torna apenas acessível aos profissionais da politica, tornando-se dependentes, já que são as chefias partidárias, que decidem quem entra, permanece, ou sai.

Os partidos tornaram-se veículos para a conquista de outros cargos públicos mais importantes, ou em alternativa, para a área dos negócios, fazendo a ponte entre a politica e a área financeira, pondo em causa a qualidade do atual regime democrático.

Não nos admiramos que os eleitores procurem representação politica noutros lugares.

Urge criar instrumentos permanentes de avaliação, de fiscalização e responsabilização da atuação dos Governos, sob pena de entrarmos no caminho da politica populista, baseado em soluções simples, com uma linguagem de fácil compreensão.

É nos interesses particulares de elites corruptas, que reside o verdadeiro perigo para a democracia.

O povo diz ao governo o que deve ou não fazer, e não o contrario.

Já, Zeca Afonso dizia, *“que o povo é quem mais ordena”*.

Grande parte dos países têm constituições que são documentos, nos quais o Estado diz aos seus cidadãos, quais são os seus privilégios.

Na nossa Constituição, dizemos ao Governo aquilo que lhe é permitido fazer.

Porém já há alguns anos, que através de mais regulamentações, e tributações abusivas, os Governos têm vindo a retirar dinheiro aos contribuintes.

Existe uma relação forte entre causa e efeito, tão clara e previsível, quanto as leis da física.

À medida que o governo cresce, a liberdade diminui.

Cito o observador:

Nós acreditamos no direito dos cidadãos, de trabalharem como quiserem, de terem o direito de serem donos dos seus bens, e de terem um Estado que os sirva, e não como seu dono.

Este é o fundamento de uma democracia livre.

Destas liberdades, dependem todas as outras.
(Fim de citação)

Winston Churchill certa vez afirmou:

“O sucesso não é definitivo

O fracasso não é fatal”

É a coragem para continuar que conta.

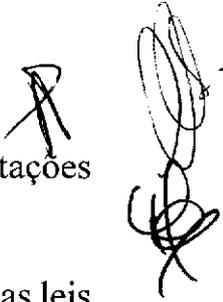
Nós desejamos melhorar a cada ano!

Viva a Democracia!

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!

Viva a nossa Pátria!





SESSÃO SOLENE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ COMEMORATIVA DOS 45 ANOS DO 25 DE ABRIL

Sr Presidente da Assembleia Municipal e Sras (es) Deputados Municipais

Sr Presidente da Câmara e Sras (es) Vereadores,

Senhores Presidentes de Junta e restantes autarcas

Exmos Convidados e Representantes das Autoridades e Instituições Cívicas, Militares e Religiosas

Minhas Senhoras e meus Senhores

Exmo convidado especial Professor Doutor António Branco (ex Reitor da Universidade do Algarve), que aceitou o convite para, nesta Casa da Democracia, falar sobre um tema tão aliciante para todos e profundamente atual – **“A Palavra, como Arma da Democracia”**. Os nossos agradecimentos pelo brilhante discurso com nos presenteou.

Comemoramos hoje, os 45 anos do **25 de Abril – Dia da Liberdade** - com profunda alegria a libertação da nossa pátria da grande noite fascista.

Aqui recordamos e saudamos os mártires e heróis da luta antifascista que ao longo de décadas, de um combate incerto e difícil, pleno de heroísmo e de sacrifícios sem conta, empenharam todas as suas forças e energias, muitos enfrentando a tortura e sacrificando até a própria vida, para que a bandeira da liberdade pudesse um dia ondular na terra portuguesa, e se tornaram, eles próprios, símbolos da luta de um povo que jamais se deixou vergar pelos crimes mais vis perpetrados pela ditadura do Estado Novo.

Na nossa memória coletiva, o 25 de Abril está associado à conquista fundadora da Liberdade e à coragem dos que, durante os 48 anos de fascismo não desistiram de lutar, não se acomodaram e perceberam que a escuridão não é eterna, assim o queiram e façam os povos.

Estaremos sempre devedores aos “Capitães de Abril” que nos devolveram a Liberdade, permitiram o regresso dos exilados e encetaram o final de um processo que se arrastava, a longa e desgastante Guerra Colonial. Muitos foram os Louletanos que ali tombaram.

O 25 de Abril foi também a génese de um Poder Local democrata, autónomo e representativo da população.

O Poder Local tem sido um dos motores de progresso e modernização do país. A autonomia local transporta uma relevante dimensão democrática, estruturante da República e do Estado, associada à ideia de prossecução dos interesses próprios das populações por órgãos representativos democraticamente eleitos.

As autarquias são o baluarte da gestão pública, lideram o processo de transformação infraestrutural do país, tentando não comprometer o futuro das gerações vindouras.

Hoje, apenas o poder local pode garantir um rumo de progresso e de coesão nos nossos territórios e continuar a trabalhar e a trilhar novos caminhos de proximidade, em benefício das populações. Como dizia Miguel Torga, **"há a liberdade de falar e há a liberdade de viver, mas esta só existe quando se dá às pessoas a sua irreversível dignidade social"**.

A democracia hoje está submetida à pressão dos meios de comunicação social, capturada pela rapidez com que circula a informação e as desejáveis demonstrações de cidadania ativa.

A democracia vive da participação dos cidadãos, do exercício do espírito crítico e da autonomia do pensamento livre, da racionalidade plena, da abertura àqueles que argumentam com fundamento e de corte com os que exploram a mesquinhez e o insulto e exaltam a demagogia.

O mundo pula e avança, não pela mão de uma criança, mas com ameaças de guerras, atentados terroristas e construção de muros e só através do diálogo das palavras sem encontram soluções e os caminhos da paz.

"A Palavra Como Arma da Democracia".

Nesse contexto será curial apontar que, na longa evolução da humanidade, feita de acasos e necessidades, de prodígios e insucessos, entre as descobertas que mais contribuíram para o desenvolvimento humano estará, a sociabilização e a capacidade de comunicação, a faculdade da linguagem, assim como o surgimento da escrita há – pensa-se - cerca de oito mil anos.

A palavra falada passou a ficar registada, conferindo-lhe eternidade, tornando-se num valioso bem cultural e social com grandes vantagens para a partilha do conhecimento, atravessando a barreira do tempo e ganhando dimensão universal com a descoberta da imprensa.

Nos tempos da ditadura, a palavra era arma utilizada nas suas mais variadas formas - escrita, falada e cantada, e através da palavra se passava a mensagem e se fomentava o despertar das consciências... muitas delas adormecidas.

Muitos foram os que ousaram levantar a voz e pagaram caro. Alguns perderam a vida, muitos outros, foram presos, torturados, exilados ou deportados.

A palavra voltou a ser a arma utilizada para transmitir a mensagem que iria marcar o arranque da revolução de Abril. Pela voz do ilustre louletano Carlos Albino, pouco antes da meia noite do dia 24 de Abril de 1974, procedeu-se à leitura da primeira senha **"E Depois do Adeus"** como a ordem para as tropas se prepararem e estarem a postos ... poucos minutos mais tarde do dia 25 de Abril, passava nova senha como sinal para a saída das tropas dos quartéis, com a música de Zeca Afonso **"Grândola Vila Morena"**, que acabámos de ouvir de forma brilhante, pelo grupo Musical Vox Cordis.

A palavra escrita pela mão do poeta Ary dos Santos em **"As Portas que Abril Abriu"**, traduz a vontade férrea de um povo sujeito a uma feroz ditadura que viria a ter fim no 25 de abril de 1974.

No período antes do 25 Abril, a palavra sobre a forma cantada por Zeca Afonso e outros cantautores, transformaram a **cantiga numa arma**, alertando contra o regime opressor, fascista e a guerra colonial.

É o valor da palavra traduzida no voto livre e popular – como a arma do Povo. O Povo tem, sempre teve razão, embora muitas vezes, não se querendo admitir, especialmente quando o



povo decide através dos votos, contrariamente aquilo que seriam as nossas expectativas... e dizemos; "o Povo está enganado". O Povo não se engana, nós é que continuamos enganados com nós próprios.

A palavra como sinal de honra. Tempos houve que bastava a palavra para selar um compromisso. Agora a palavra é trocada pela promessa e as promessas quase sempre são enganosas... leva-as o vento.

O envolvimento familiar, a amizade pessoal, a preferência partidária, passou a ser primeira escolha para os cargos públicos e políticos, Os valores Republicanos da Ética, da Honra, da Igualdade, Fraternidade e Solidariedade...foram atirados para as calendas gregas.

Tudo isto nada tem a ver com as competência, mas sim com as escolhas daqueles que detém o poder ao nível dos Governos ou dos Municípios.

Apesar das suas grandes contradições no início do processo revolucionário, a democracia amadureceu e impõe-se como modelo de sociedade, com as suas virtudes e com as aberturas, que tem conduzido ao aproveitamento e enriquecimento de alguns, tudo em nome da livre circulação do comércio e capitais, da concorrência sem regras, que se aproveitam do complexo quadro legal que foi criado, da fragilidade do sistema judicial e da elevadíssima ausência de participação dos cidadãos nos processos de decisão, quer sejam eleitorais ou de simples cidadania local.

O poder local está perante novos desafios impostos pelo governo obrigando a aceitação da transferência de novas competências. A municipalização é imposta como um instrumento de descentralização, sabendo todos nós, que irá conduzir a um aumento das desigualdades existentes na coesão territorial. A universalidade dos direitos iguais para todos os cidadãos, está a ser colocado em causa no domínio da saúde, educação ou cultura.

Muitos municípios não têm condições para aceitar a maioria das competências impostas. O município de Loulé, gozando de óptima condição financeira e de capacidade na arrecadação de receitas, parece não estar preocupado com o futuro, para garantir a sustentabilidade dos direitos e garantias dos cidadãos, assim como a manutenção dos inúmeros equipamentos que passarão para a sua responsabilidade.

À palavra dada, palavra honrada. Nem sempre foi assim, muitas vezes o compromisso não foi honrado, pelo governo para com os portugueses.

Pela primeira vez, desde o 25 de Abril, um governo minoritário, apoiado por uma maioria parlamentar de esquerda, conseguiu resistir e sobreviver uma legislatura completa. Apesar daquilo que separa os partidos, conseguiram unir-se em torno de objetivos concretos para reposição dos rendimentos das famílias mais carenciadas e da classe média.

O governo da gerigonça suplantou tudo aquilo que a direita considerava impensável e o "diabo não chegou". Ficou provado, quem em minoria também se pode governar com diálogo e consenso. As maiorias absolutas, sempre foram prepotentes, arrogantes e desprezam a oposição. Não é por se ter o poder absoluto que se governa melhor para bem das populações.

Muito se fez, mas muito mais está por fazer. Poderíamos ter ido muito mais longe na defesa do SNS, na política salarial, nos direitos do trabalho, na investigação académica e na resolução dos conflitos existentes com os profissionais de saúde, professores e outros sectores.

É necessário que a unidade se mantenha em torno da nova Lei de Bases da Saúde, para refundar um SNS forte, capaz de dar respostas rápidas na saúde para todos os portugueses.

A unidade terá que continuar, para aprovar a “Lei de Bases da Habitação” como instrumento necessário para resolver os diversos problemas habitacionais existentes, a escassez da oferta pública, numa política de arrendamento acessível aos jovens e às famílias carenciadas e numa verdadeira política municipal direcionada para a reabilitação urbana.

A corrupção, o envolvimento político com os grupos económicos de interesses dominantes e a promiscuidade existente com interesses privados tem sido uma evidência. Os donos disto tudo continuam a mandar.

Isto incomoda e revolta a sociedade e os cidadãos. O argumento da competência não convence. Para além da lei, a ética tem que prevalecer.

Apesar de melhorias alcançadas nos direitos das mulheres, cada vez mais a violência doméstica assume proporções inexplicáveis, tornando-se numa criminalidade preocupante. A sociedade portuguesa tem que ter respostas para este fenómeno, que este ano já custou a vida a 14 mulheres. É urgente investir na prevenção, na formação e criação de estruturas especializadas capazes de dar respostas céleres para estas situações.

O direito a uma habitação condigna, a ausência de respostas nas funções sociais do estado na criação duma rede municipal de equipamentos destinados à infância e idosos, apesar de muito serem propagandeados, continuamos a assistir a uma distância muito grande, entre o discurso e a prática.

O Município de Loulé, apesar das suas disponibilidades financeiras, não tem sido capaz de dar respostas concretas nestas matérias.

Este ano, é ano de eleições. Para além das Europeias, que se realizam em Maio, teremos as Legislativas no início de Outubro.

O Bloco de Esquerda tudo fará para a construção de uma Europa baseada num projecto Social Solidário, em detrimento da economia liberal. Estamos certos que os resultados eleitorais nestas Europeias, serão muito importantes e daqui apelo a todos os cidadãos para o cumprimento do seu dever cívico de ir votar, pois foi para isso que o 25 de Abril foi feito - decidir em Liberdade.

Comemorar o 25 de Abril é debater os caminhos do futuro e agir no aprofundamento da Democracia. A evocação de Abril não pode ser encarada como um ritual retórico, mas deve constituir-se como um imperativo intergeracional, congregador de um ideário republicano ao serviço da soberania do povo e do desenvolvimento da pátria.

É nos momentos difíceis que se avalia a têmpera de um povo. E nós somos o povo que sulcou os mares descobrindo terras e trazendo novos mundos ao mundo. Estamos confiantes que somos um povo capaz de cumprir o sonho de Abril, porque há utopias por que vale a pena lutar, por mais que se tropece muitas vezes com as realidades.

Aa dificuldades sempre existiram estas nunca nos derrubaram. Pelo contrário, soubemos fazer, sempre, das Tormentas, um Cabo da Boa Esperança.

Os desafios regionais são muitos e o Algarve continua sem liderança política e empresarial forte, capaz de se impor e exigir ao governo aquilo que faz falta para a região.

O Bloco de Esquerda, dedica particular atenção e continua a lutar e exigir.

A defesa dum SNS público e universal, dotado de maior investimento capaz de gerar atratividade para a região dos profissionais de saúde e o arranque na próxima legislatura da Construção do Hospital Central do Algarve.e continua a lutar

Pela eliminação ou redução significativa das portagens na Via do Infante e Melhoria da Ferrovia e da Mobilidade dos transportes públicos de acordo com as novas políticas de combate às alterações climáticas.

Melhoria dos serviços públicos na saúde, cultura, educação e justiça. Promoção de uma nova política para a Cidadania.

A criação em Loulé do Provedor do Município. Implementação a curto prazo do Plano de Estratégia Local de Habitação e duma Rede Municipal de Equipamentos Colectivos Sociais para a Infância e Idosos e Educação. Que o processo em curso de revisão do PDM seja de abrangência e não de exclusão e que permita, reordenar o litoral e criar esperanças para o interior, assim como, completar o ciclo das infra estruturas básicas – saneamento e águas.

Para terminar, queremos saudar o 25 de Abril e a Liberdade e o 1º Maio – Dia do Trabalhador.

Loulé, 25 de Abril 2019

Grupo Municipal do Bloco de Esquerda

Carlos José da Silva Martins



Exmo. Senhor **Presidente da mesa da Assembleia Municipal**
de Loulé

Senhor **Presidente da Camara**

Senhoras e senhores **Vereadores**

Senhoras e senhores **Presidentes de Junta de Freguesia**

Senhores representantes **das entidades, civis, militares e**
religiosas,

Exmo. convidado, que muito nos honra com a vossa presença

Senhoras e senhores **deputados,**

Minhas senhoras e meus senhores,

Hoje comemoramos o quadragésimo quinto aniversário do 25 de Abril de 1974, e como habitualmente, pela relevância que este dia teve na vida de todos os Portugueses, mesmo para aqueles que, à data ainda não eram nascidos, esta, deverá ser sempre, anualmente recordada, para que não possamos dar por adquirido, o que foi conquistado com a Revolução de Abril.

Como afirmou NELSON MANDELA, *"a liberdade nunca poderá ser tida como garantida, e cada geração, tem o dever de salvaguardá-la e ampliá-la"*.

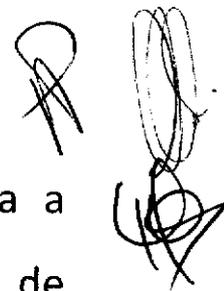


De entre os inúmeros direitos conquistados em 74, a liberdade e o direito de voto, foram duas duas notáveis conquistas, que não podemos desvalorizar, sob pena de a médio prazo caminharmos para a indiferença, ou talvez, deixarmos a sociedade caminhar a passos largos para modelos populistas, anti-democraticos, que não muito longe do nosso horizonte, proliferam.

Na verdade, a liberdade, na forma de liberdade de expressão e pensamento, sobretudo do uso da palavra, sem quaisquer conditionalismos, foi umas das mais notáveis conquistas da Revolução de Abril.

Contudo, se numa Democracia Plena, a expressão de liberdade, nos concede o direito de dizer aos outros, aquilo que não querem ouvir, mas igualmente, a liberdade de ouvir, todos aqueles que não pensam como nós, ou que discordam daquilo que nós pensamos, neste exercício legítimo da liberdade, deverá também estar sempre presente, a **NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE.**





NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE, porque, pese embora a liberdade de pensamento e expressão sejam sinónimos de democracia, o uso inconsequente da palavra como seu instrumento, mina a credibilidade das instituições, surge como atentado à classe política, e representa um sério retrocesso aquilo que a própria liberdade representa.

Isto porque, somos livres de fazer as nossas escolhas, de tomarmos as nossas opções, **MAS PRISIONEIROS, DAS SUAS CONSEQUÊNCIAS.**

PRISIONEIROS DAS SUAS CONSEQUÊNCIAS, porque o conceito de liberdade, **IMPLICA RESPONSABILIDADE, IMPLICA COMPROMISSO, e IMPLICA RESPEITO**, sendo certo, **que pelo reconhecimento** à classe política, por parte dos cidadãos, **deste três atributos**, conseguir-se-á certamente assegurar a **tão desejada credibilidade**, desiderato há algum tempo afastado da classe política e de algumas instituições.

Mas para **alcançar a credibilidade**, não podem pois, os partidos políticos em altura de eleições, transformar os processos eleitorais em feiras de sedução, em que acaba por ganhar, aquele que é mais eficaz a enganar o cidadão.

Não podem os partidos manter o status político, onde a ilusão tem sido a marca recorrente, onde os candidatos, em campanha tudo prometem, mas uma vez chegados ao poder, esquecem os seus compromissos eleitorais, por vezes escudados nas mais ignóbeis justificações.

Porque as consequências destes actos são gritantes e espelháveis no crescente desinteresse e descontentamento dos cidadãos pela política e pelos partidos, que tem uma tradução clara no **nível de abstenção dos cidadãos** nos atos eleitorais.

A abstenção tornou-se pois, o maior partido português, e infelizmente uma ferida aberta no sistema democrático, que é necessário estancar a todo o momento.



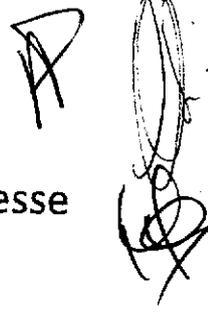
Urge pois, refundar a liberdade conquistada em 74, credibilizando a politica e os seus agentes, sendo que, os partidos políticos concorrem para a expressão da vontade popular, e a democracia apenas se fortalece com partidos políticos credíveis, coesos e coerentes.

Por outro lado, deverão os executivos nacionais, regionais e locais, incentivar à participação cívica, porque as pessoas precisam de sentir que são parte integrante das decisões, e da governação local, porque a democracia não pode ser um modelo conceptual, formal, mas antes um sistema onde os cidadãos, para além de escrutinarem as opções dos decisores, possam paralelamente, intervir, participar e decidir.

Acreditamos que não exista alternativa ao regime democrático, e que apesar de todas as criticas e imperfeições de funcionamento que lhe possamos atribuir, a democracia conseguida em Abril de 74, permanece como a forma mais



equilibrada na procura do bem comum e do interesse colectivo.



Por isso, nunca é demais recordar o Dia da Liberdade.

Viva o 25 de Abril,

Viva a Liberdade e a democracia.

Viva o Município de Loule.



11



Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmos. Senhores Vereadores

Exmos. Senhores Deputados

Exmos. Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Exmas. Autoridades civis e militares

Exmo. Senhor orador convidado, Prof. Doutor António Branco

Exmos. Senhores membros da comunicação social

Minhas senhoras

Meus Senhores

Estimado público.

Comemoramos hoje o quadragésimo quinto aniversário da revolução de abril, da libertação da nossa pátria e do nosso povo, do domínio repressivo e fascizante do regime ditatorial do Estado Novo.

Comemorar a revolução de abril será sempre a oportunidade para relembrarmos o Portugal do antigamente e de o compararmos com o Portugal de hoje, da modernidade, da pluralidade e da assunção plena da cidadania.

Assim, se porventura fosse possível recuarmos no passado, não reconheceríamos o nosso país. Um país sem liberdade de expressão, sem atividade política, associativa ou sindical, com uma censura prévia de lápis azul, controlando todos os acontecimentos culturais, abrangendo os espetáculos, o cinema, o teatro, a música, as artes plásticas, a escrita literária e a imprensa. Um país onde não existiam eleições livres. Um país consumido e que se consumia a si mesmo pelo sacrifício das vidas dos seus jovens que alimentavam uma guerra colonial sem futuro, facto que era reconhecido por praticamente todos os países e que deixava Portugal isolado no panorama Internacional.

Sofia, a nossa grande poetisa, descreveu como ninguém essa madrugada que nos devolveu a dignidade, a esperança e o futuro. Ouçamo-la:

**Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo**

Contudo, a exaltação dessa madrugada libertadora representa também, para Sofia, a libertação das mulheres.

Com efeito, volvidos 45 anos dessa data memorável da Revolução de Abril, é importante recordar, em dois ou três parágrafos, a anterior condição de ser mulher na sociedade portuguesa.

Havia muitas mulheres que, pelo exercício de uma determinada profissão, por exemplo, enfermeiras, telefonistas ou hospedeiras da TAP, tinham limitação nos seus direitos: na verdade não se podiam casar. Ou melhor, se casassem deixariam de exercer tais profissões, pois que só as mulheres solteiras as poderiam exercer. Esta limitação de direitos fazia-se sentir também ao nível das carreiras da magistratura, diplomacia, militar e política. Eram carreiras exclusivas para os homens. Ainda a título de exemplo, referimos que para abrirem um pequeno comércio as mulheres precisavam de autorização dos maridos. Não podiam ter decisão própria. Essa decisão competia aos maridos.

O direito ao voto por parte das mulheres era muito limitado, só o podendo exercer em determinadas circunstâncias e condições.

Convenhamos, então, que as condições de afirmação das mulheres na sociedade portuguesa eram muito reduzidas. As mulheres tinham, assim, um estatuto de minoridade, não sendo consideradas na sua verdadeira condição humana.

Com a Revolução de Abril de 1974 tudo mudou. Rasgaram-se as leis que limitavam os direitos das mulheres, mas também os direitos dos homens, no fundo, os direitos dos cidadãos.

Desta forma, o 25 de Abril representa o início de um sonho e o despertar de uma longa noite escura durante a qual morreram muitos Portugueses, irmanados na mesma luta e no mesmo ideal de construir uma sociedade livre, democrática e mais justa.

Essa liberdade conquistada no dia 25 de abril de 1974 não pode ser vista como algo definitivo, já conquistado sem que nos preocupemos mais.

Pelo contrário, vivemos numa sociedade cada vez mais individualista e com muitos sinais de intolerância e de disseminação do ódio e de violência, que colocam em causa os direitos de cidadania, a liberdade e a própria democracia.

Por conseguinte, é necessário defender diariamente o que está em causa e que é a própria essência da democracia, a qual se baseia, entre outros, nos valores da tolerância, do respeito mútuo, da solidariedade, da igualdade de direitos, da justiça, da educação e, fundamentalmente, das liberdades de pensar, de dizer e de decidir.

É por isso que passados 45 anos ainda continua a fazer sentido relembrar e comemorar o 25 de abril.

Para os mais jovens, para aqueles que no presente já são a geração do amanhã, dizer que relembrar a Revolução de Abril significa, apenas e tão só, evocá-la no plano da memória para refletirmos sobre o passado, com a perspetiva que só assim, conhecendo a nossa memória e a nossa identidade, é possível construir um futuro melhor num país livre onde cada um deve ter oportunidade de concretizar os seus sonhos.

Por isso, cada dia constitui um abril que se renova. Um abril que se faz na luta, na criação de melhores condições de vida, na criação de emprego, na criação de riqueza, na defesa dos valores ambientais, do nosso interior, do nosso litoral, das nossas praias, da nossa cultura, do nosso património, enfim, do nosso território.

Também na defesa da Escola Pública e de uma educação de qualidade. E ainda na defesa do Serviço Nacional de Saúde. Em suma, na defesa da nossa Constituição.

Por isso, relembrar abril é um imperativo que a todos nos deve convocar e mobilizar, para construirmos conjuntamente e lado a lado, os caminhos do futuro.

Viva o 25 de Abril!

Viva a liberdade e a democracia!

Viva Portugal!

Loulé, 25 de Abril de 2019

Pelo grupo parlamentar do PS Loulé



Discurso 25 de abril | 25 de abril de 2019



Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhores e Senhoras Deputados da Assembleia Municipal

Senhores e Senhoras Presidentes das Juntas de Freguesia e demais autarcas

Ex.mo Senhor Alferes do Subdestacamento Territorial de Quarteira

Ex.mo Senhor Cabo-Chefe Comandante do Posto Territorial de Loulé

Ex.mo Senhor Primeiro Tenente da Marinha

Ex.mo Senhor Sargento do GIP's

Ex.mo Senhor Comandante dos Bombeiros Municipais

Ex.mo Senhor Coronel Silva Gomes

Digníssimo Professor Doutor António Branco

Caro Dr. Carlos Albino

Caríssima Dra Lídia Jorge

Senhores Jornalistas

Ex.mo Público

Ex.mos Senhores

Hoje, 45 anos depois daquela madrugada memorável aqui nos reunimos para celebrar e reafirmar a Liberdade e a Democracia. Cerimónia simples e digna, que a tempo ritualizou, mas que ano após ano, convictos da sua extraordinária importância e, em nome da memória que pretendemos cultivar e transmitir, repetimos com um misto de alegria festiva e gratidão eterna aos destemidos Capitães de Abril.

45 anos depois nunca é demais recordar o nosso ponto de partida, o Portugal que então deixamos para trás e que tão maravilhosamente foi cantado em verso num poema inesquecível de Ary dos Santos:

“Era uma vez um país
onde entre o mar e a guerra
vivia o mais infeliz
dos povos à beira-terra.
(...)
Um povo que era levado
para Angola nos porões
um povo que era tratado
como a arma dos patrões
um povo que era obrigado
a matar por suas mãos
sem saber que um bom soldado
nunca fere os seus irmãos.”

Foi o Portugal da miséria, do analfabetismo, da guerra, do obscurantismo, da emigração forçada e do subdesenvolvimento económico que em quase meio século, por entre muitas vicissitudes e graças ao trabalho e

inteligência de todos nós, foi possível vencer uma História que nos deve orgulhar, mas sem conformismos ou ilusões de que tudo está bem e que nada mais há a conquistar.

Todos sabemos muito bem que os grandes desafios que hoje se nos colocam são não deixar que os problemas, nunca bem resolvidos em 45 anos de democracia, como seja os da desigualdade económica e social; as dificuldades persistentes e de natureza estrutural no acesso à habitação condigna, a corrupção que se manifesta em vários sectores da nossa sociedade, para referir apenas os mais visíveis, minam os alicerces do estado democrático colocando em risco o que de melhor foi adquirido, graças ao trabalho e sacrifício de várias gerações de portugueses.

Celebrar hoje a data libertadora só tem sentido, quanto a nós, se cada um se interrogar sobre o papel que lhe cabe numa acção, seja ela cívica, política, económica ou outra, tomando como adquiridos um conjunto de regras e valores, de que não abdicaremos e com eles enfrentaremos os desafios do futuro, que continuam a ser os mesmos de todos os Homens e Mulheres que como nós, viveram em tempos de incerteza e dificuldades e que são a paz, a aceitação da diferença e a realização do potencial do génio Humano.

Todas estas questões que são universais e inerentes à condição humana de cada um de nós e estão presentes, também, na acção política local e democrática.

Uma palavra de agradecimento para aqueles portugueses, que foram muitos, alguns deles nossos conterrâneos que entregaram a sua vida à causa da Liberdade, com sacrifício das suas famílias, mulheres, filhos e maridos.

É justo lembrar que a eles devemos o poder de estar aqui hoje. Começo por um amigo, Carlos Albino, de quem ainda hoje pela manhã se falava na antena 2, como o jornalista da Rádio Renascença que colocou a senha no ar. Este foi um ato e um sinal decisivo para a operação do Movimento das Forças Armadas avançar e libertar Portugal. Quero aqui perante todos vós dizer-te amigo Carlos Albino que Loulé, o Algarve e Portugal estão-te profundamente gratos e que a nossa dívida será para sempre!

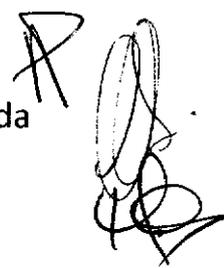
Relembro também o Major Anjos Costa ou Filipe Viegas Aleixo dois louletanos a quem também devemos gratidão e que é imperativo que os façamos sair do esquecimento. Para que a memória não me atraíçoe, quero dizer que como enfatiza a nossa querida Lídia Jorge no seu magnífico livro “Os Memoráveis” a Revolução de Abril foi feita por uma massa de gente anónima, povo como nós que ordeiramente saiu à rua para gritar a plenos pulmões “Viva a Liberdade!”.

Caros amigos, é importante que façamos um pouco de história e que não esqueçamos que muitos homens e mulheres sonharam, colocaram em perigo as suas vidas e das suas famílias e lutaram para chegar a este 25 de Abril de 1974 e ser livres. Isto para vos dizer que importa lembrar o papel da oposição democrática unida o MDPCDE, pelo seu papel de espalhar a semente da democracia, de ser resiliente e de lutar para fazer de Portugal um país LIVRE. Mas para sermos justos com a memória e com aqueles que lutaram temos de lembrar que o coração da resistência anti-fascista à ditadura foi o Partido Comunista Português.

45 anos depois temos de continuar a defender e a praticar a cada dia os valores da democracia e da liberdade, TODOS devemos, no nosso dia-a-dia, contribuir para defender este regime democrático, porque ao contrário do que podíamos pensar, a democracia não é algo que se conquistou naquela madrugada inicial e clara, é um exercício diário de cidadania, que compete aos que têm a memória de um regime ditatorial passar esse testemunho aos mais novos! As gerações que nasceram depois do 25 de abril de 1974 têm nas duas mãos a grande responsabilidade de honrar e cumprir Abril. Cumprir um Portugal Justo. Democrático. Livre.

Uma palavra muito especial à nossa querida escritora Lídia Jorge e ao que representa para as mulheres neste Portugal Democrático mas, hoje, aqui, quero, sobretudo, agradecer-lhe vivamente o seu livro “Os Memoráveis” que na sua escrita envolvente, poética e implicada nos lembra que o 25 de Abril de 1974 foi uma conquista do povo, dos milhares de pessoas anónimas que saíram à rua. E mais do que isso quero dizer-lhe que é um orgulho ser seu amigo e contemporâneo pelo pensamento acutilante e

pela leitura clara e sabedora que faz do nosso Mundo. Bem-haja querida amiga.

A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a final flourish, located in the top right corner of the page.

Caros e Caras amigos e amigas,

Que cada um de nós continue a fazer Abril!

Viva a Liberdade!

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal Democrático!

Vítor Aleixo, Presidente da Câmara Municipal de Loulé

